

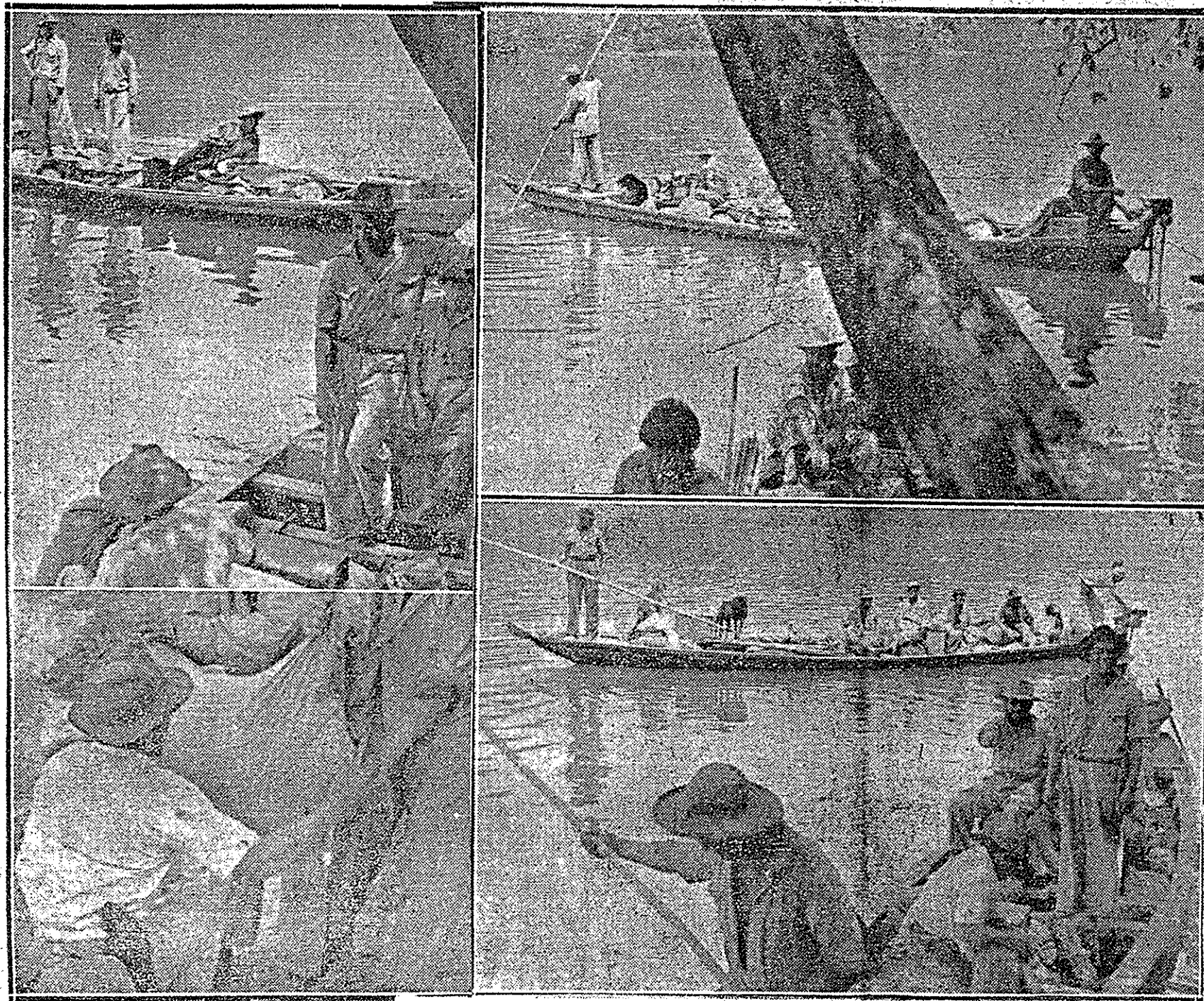
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Gazeta Class.: Pix - antecedente
Data: 14.10.48 Pg.: 10 456

Índios de barbicha e cabelos compridos!

Pela primeira vez, entra-se em contacto com a tribo dos Jurunas! — O encontro é relatado para A GAZETA pelos irmãos Vilas Boas, da Expedição Roncador-Xingu' — Pormenores interessantes da viagem que efetuam aqueles sertanistas — Outras notas



Aspectos da partida dos batelões da vanguarda da Expedição Roncador-Xingu'. Foto de MANOEL RODRIGUES FERREIRA.

No dia 27 de agosto último, a Expedição como chefe o coronel Vanique, reuniu-se a ma em direção a Manaus. Fazia um ano que estav do Kuluene, nas proximidades da confluência do rio com o Ronuro. A GAZETA inicia que foi a primeira parte dessa descida pelo Xis sorio para avião "teco-teco", no Rio Manitsauá, dada esta narrativa, escrita pelos irmãos Claud e, juntamente com Leonardo, são os três che

Vanguarda da Expedição — Setembro. (Por Claudio e Orlando Vilas Boas). Alcançado o Xingu, o ano passado, a Expedição, depois de deixar ali um Posto com segurança do Douglas do Correio Aéreo Nacional, reiniciou sua marcha para o Tapajós.

Ponto final da grande etapa, Tapajós deverá ser atingido pelos cursos Xingu, rio Manitsauá Missu e finalmente por terra através da espessa e já mata amazônica, até o rio São Manoel. É o plano de avançamento, a construção de um pequeno campo de emergência, no baixo Manitsauá, e de outro, tão grande quanto possível, no alto curso.

De posse da Idéia geral do roteiro, reiniciou a vanguarda da Expedição Roncador-Xingu', no dia 27 passado, sua marcha, inicialmente descendo o rio Xingu.

O desenrolar dos acontecimentos dessa penetração, por região tão bruta, é que pretendemos transmitir aos leitores de A GAZETA.

Com três batelões de duas toneladas cada um, e um batelão pequeno a reboque, construídos de lantil — a madeira preferida para esses tipos de barco — iniciamos viagem Xingu abaixo. Somos um Camaiurá, um Waurá e o respeitad Tamacu, da tribo Juruna, e que desde menino vive com os Camaiurá. Tamacu tem uma história muito longa e movimentada. Para contá-la, precisaríamos de muito tempo e espaço. Vamos, portanto, fazer uma ligeira apresentação de Tamacu, o índio cuja vida é um reflexo das movimentadas lutas de algumas tribus do Xingu.

A Os Juruna do médio Xingu, em períodos incursões que faziam ao alto rio, hostilizavam os Suiá, Trumá, Camaiurá e outros. E não raro estes, principalmente os Suiá, desciam o Xingu e surpreendiam os precavidos Juruna nas filhas onde moravam. Num desses ataques, os Suiá raptaram um menino chamado entre os seus Chatuná e mais tarde, Tamacu, pelo Camaiurá. Roubado pelos Suiá, começa a vida atribulada de Tamacu. Alguns anos depois, entram os Suiá em luta com os Trumá e estes levaram, além de algumas mulheres, o menino Juruna prisioneiro.

Levado para a aldeia Trumá, lá permanece pouco tempo. Os Camaiurá, naquela época inimigos dos Trumá e Viníhics bem próximos destes, em um de seus ataques carregam como prisioneiro o moço Juruna. Integrado na nova aldeia se faz homem. Cria prestigio, casa e se distingue entre os grandes flecheiros. Porém, Tamacu nunca perd

da esperança de um dia rever sua gente, que julga ainda viva por lá. Porisso, quando soube que iam descer o Xingu até a foz do rio Manitsauá Missu, ele pediu para nos acompanhar. Aceitamos a valiosa companhia. Para que melhor? Bem, deixemos Tamacu, que neste momento em pé há proa de um dos batelões, indica ao piloto, com gestos largos e firmes, uma ponta de pau, um balxiu cu uma pedra, e voltamos à nossa viagem.

A PARTIDA
As 12.40 horas de hoje, dia 27, saímos do nosso Posto. Centenas de índios lá estavam para assistir nossa partida. Camaiurá, Trumá, Kulcuru e outros. Pra recia que deixamos ali na barranca alguma coisa mais que simples amigos. Deixamos homens, crianças, afeitas e mulheres doces.

Utamapu — cacique camaiurá — e sua vasta família composta de mulher, seis filhos e o genro Kanato — não quiseram assistir nossa saída. Pouco antes de tomarmos os batelões, Utamapu, velho nos deu uma flecha a cada um e exclamou:

"Carai-le, tuatari retame orocorin! Isto é, "que ele e os seus saiam para a aldeia para não ver nossa partida".
Infelizmente, é um erro que ainda perdura e que muita gente comete quando julga o nosso índio, um indivíduo falso e indolente.

A viagem de início correu sem novidades. A bruma-seca, densa e fria, cobria as margens do rio. Nesta época do ano, fim da estação seca, o rio está baixo — no caixão — como diz o sertanejo.

As praias e os baixios enermes chegam, às vezes, quasi a cortar o rio, dificultando muito a navegação e precisando quasi sempre passar os batelões a pulso. Isso, contudo, não constitui transtorno, ao contrário, uma festa. Um bacho é sempre agradável, embora forçado. O nosso primeiro obstáculo sério, porém, não estava muito longe e o encontramos no travessão "Morena". O rio muito baixo põe ali, de fora, nesta época, uma linha de pedras, como se fosse uma barreira. Tamacu, que ia de zingá em punho na proa do primeiro batelão, não conseguiu, apesar do esforço feito, desviar o barco de uma pedra "morta" — pedra submersa — onde o batelão foi jogado pela fúria das águas. O baço foi logo descurado, mas antes que o batelão se desviasse, saltaram e com água pelo peito isguraram o barco.

Momentos depois, chegavam os outros batelões. Reunidas as tripulações, passamos os barcos um a um por entre as pedras, lutando com a correnteza forte do rio. As 6 horas da tarde, cansados da luta com a correnteza, paramos para pouso, no lugar onde existia uma velha aldeia Suiá — chamada Urarim. Enquanto o nosso cuco, com os seus 199 centos de altura, acendia o fogo e dava os primeiros passos para a boia, alguns ho-

mens foram tentar a pesca. Pouco depois, tinhamos pranchas pintadas e pintararas, peixes estes abundantes no Xingu, principalmente as piranhas: preta-de-pena e voraz, a preta também agressiva e como todos bichos, ela tem suas manhas e defesas. Para pôr seus ovos, usa o mesmo processo da tartaruga. Caminha na praia fazendo zigue-zagues. Faz um buraco de um palmo e põe nele seus ovos numa quantidade nunca menor de 13 a 14 e nunca superior a 30, cobrindo e distorcendo a covã. Os inimigos da tracaçá são inúmeros, sem falar nos índios, que fazem grandes colheitas. O corvo, a raposa, o jacaré desenterram e comem os ovos da tracaçá. O mês de agosto é o principal mês da postura. Ontem colhemos aproximadamente 600 e hoje não faremos colheita inferior.

Hoje, tivemos mais sorte na navegação. Apesar dos baixios extensos, o rio apresenta um canal fundo onde a navegação é franca. Numa curva do rio, quando se desortina um bellissimo estirão, avistamos atravessando o rio uma anta. A visibilidade para o primeiro e segundo batelões foi instantânea. O terceiro tiro, já foi de misericórdia. Antes porém que nos aproximássemos com o barco a anta afundou. Esperar que ela boiasse seria um atraso considerável na viagem. Tacont — índio camaiurá — antes que tivéssemos tido tempo de pensar num jeito de reaver a anta saltou nãguã com uma corda e momentos depois voltava a tona rindo como sempre. Igamos a anta e rumamos para o pouso.

DIANARUM
O sol já havia se escondido quando atingimos o Dianarum (onça preta), na língua camaiurá), na foz do rio Suiá Missu, afluente da direita do Xingu. Dianarum, lugar de antiga aldeia Suiá, é um dos mais históricos do Xingu. Foi aqui que em 1884 a expedição composta de 20 soldados chefiada pelo cap. Castro, da milícia cutabana, conduzindo o grande etnógrafo alemão von Den Steinén, encontrou os índios Suiá. Foi com grande satisfação que erguemos hoje nosso acampamento no mesmo lugar onde há 70 anos acampou a famosa expedição que celebrou o cientista alemão pelos importantes estudos realizados. E a figura do grande patrio cap. Castro rememora em pensamento nossa homenagem, pelo exílio alcançado pela expedição, que comandou com firmeza e abnegação de experimentado sertanista.

No Dianarum, encontramos ainda um muito recentes de índios. Talvez Suiá ou outros que tenham subido o Xingu. Para testemunhar lá estavam os sinais de fogo e os amassados em torno dos pés de macaúba. A distância que temos a vencer daqui a foz do Manitsauá é curta, motivo pelo qual não apressaremos nossa

saída amanhã, mesmo porque o rio aqui é bastante perigoso por causa das pedras e dos extensos baixios.

A HISTÓRIA DA ALDEIA SUIÁ
Hoje, dia 29, vamos iniciar o terceiro dia de viagem. Saímos do Dianarum, onde tivemos um ótimo pouso, às 9 horas. Enquanto nosso motorista fazia uma revisão nos nossos motores de popa, fomos até a parte alta do Dianarum visitar os lugares onde há tempos existiram as malocas Suiá. Tamacu, que conhece com minúcias a história dessa aldeia, lá explicando (seria alongar demais se quiséssemos reproduzir aqui as expressões de Tamacu, transmitiremos da maneira que as entendemos):

— Ali — começa o índio — era a casa de Takará, mais adiante a do velho Corã; Pia, Dita e Tamiti moravam aqui, onde hoje estão estas macaúbas. O mangabal é longo e os pés de pequi lá estão. Com atenção acompanhávamos a narrativa de Tamacu:

— Os Suiá eram muitos — prosseguiu. Seus inimigos Miará e Garuná já tinham sido aniquilados por eles. Restavam ainda os manitsauá, com quem às vezes lutavam. Certo dia, surgem, vindos sobrem nas arvores e começam chamar os Suiá. Diante da surpresa, choram as mulheres e as crianças. Os homens, percebendo a superioridade dos atacantes, se recolhem nas casas. Só um índio permanecendo fora no meio do pátio da aldeia, batendo os pés e cantando. É o velho Cacará. Os outros de dentro das malocas gritam: "Anoré, que Cacará, saquer coimã Tchucarramãe!" (Venha Cacará — Tchucarramãe são bravos!).

— Momentos depois — continua Tamacu — os atacantes envolvem e invadem a aldeia. A parte da aldeia que conseguiram atingir, atravessou o rio e, da margem oposta, assistiu durante toda a noite a "dansa macabra" de seus inimigos em torno de seus irmãos trucidados. Daí em diante, Dianarum foi abandonado. Os Suiá subiram o rio Suiá Missu e bem longe da barra ergueram nova aldeia.

DEIXANDO DIANARUM
O sol já estava alto quando deixamos o agradável Dianarum. O rio neste parte tem trechos com um quilometro de largura. As curvas, às vezes fortes, seguem-se com mais de uma légua. As águas são frequentes. As matas marginais baixas e alagadiças. As praias enormes, com areia de cor branca, acompanhadas os estirões. Nas barrancas, capivaras se aguentam ao sol e nas pontas de praia jacarés sonolentos, alheios ao ruído dos motores, nem sequer viram a cabeça.

Pouco antes de atingirmos a barra do Manitsauá, navegamos um trecho de uns 40 quilômetros onde o rio bruscamente se estreita e corre com bastante velocidade. Nessa altura, em uma barranca mais alta, uma imponente onça pintada deitada, com a cabeça entre as patas dianteiras, cismava ou esperava uma presa incauta. Despertada com a nossa aproximação, ela se levantou num salto; olhounos um instante e sem pressa mergulhou em seus domínios. E que belo domínio! Vem-se escapando das copas altas das arvores as folhas espalmadas dos Inajás. Aqui e acolá capões da palmeira-bacaba. Seus frutos, que dão em grandes cachos, formam, quando bem preparados, uma saborosa bebida muito apreciada pelos nossos sertanejos que a denominam de "samberg".

Encontro com os índios Jurunas!

"Ao meio-dia e meio, três horas ininterruptas de viagem do Dianarum para baixo, atingimos a foz do Rio Manitsauá-Missu, ao mesmo tempo em que avistávamos, pouco abaixo, numa ilha de areia, um aldeamento de índios. Encostamos as embarcações em uma praia da margem direita; desocupamos o pequeno batelão que vinha a reboque e acompanhados por um trabalhador e os três índios descemos a remo em direção ao aldeamento avistado. Antes mesmo de lá chegarmos, começamos a avistar inúmeras canoas, que lá estavam, descerem apinhadas de índios. Pensávamos já que não íamos ter a oportunidade de um contacto, quando avistamos numa barranca alta, da margem direita, um grupo de índios. Entre eles um, com a cabeça coroada por um enfeite de penas, parecia chefe dos outros. Aportamos o batelão em um baixio, saltamos nãguã e fomos caminhando em direção à barranca.

Mandamos que Tamacu os chamasse em Juruna. Houve, então, um momento de confusão entre eles; respondiam e Tamacu não os entendia. Já aí estávamos bem perto da barranca e podíamos observar as feições dos índios.

Tamacu continua chamando, mas ouve em resposta somente gritos e gestos para que não nos aproximássemos e, como insistíssemos, eles recuaram e lançaram algumas flechas que vieram cair em nossas proximidades. Os surpresos, desta vez, fomos nós, Tamacu, recuando, gritou:

— Aniti Juruna, Tchucarramãe! (Não são Juruna, são Tchucarramãe).

Embora já tivéssemos tido a primeira prova de hostilidade, continuamos insistindo. Fizemos com que Tamacu continuasse chamando com insistência. Houve, então, um momento de compreensão.

Tamacu, satisfeito, dá uns passos apressados em direção à barranca. Os índios, amedrontados, recuam e entesam os arcos em nossa direção. Eram uns oito. Tamacu para e nos grita:

— Suiá!

Pedimos a ele que experimentasse chamar em suiá. Tamacu toma um folgado e começa chamar agora os arredios, em língua suiá:

— Takará — Taháhi carai, u maria — anoré que Tsuia. (Takará — cacique — suiá — brancos bons; aqui não tem Trumá; venham cá Suiá).

Os índios se aproximaram mais da barranca e um deles, hesitando muito, apontava numa direção, dizendo: "Suiá", ao mesmo tempo que batendo no peito exclamava — "Juruna, Juruna".

Estávamos nesse momento, bem próximos. Eles na barranca e nós alguns metros abaixo, numa praia submersa, com água pela cintura. Houve, então, uma convergência mais calma entre Tamacu e os Jurunas. Com muita cautela, fomos chegando; assim mesmo, três deles correram e se embrenharam na mata.

Tamacu estende o braço e dá um facão e recebe um enfeite de penas. Imediatamente, distribuímos iacões e colares aos que estavam ali.

Ficamos sabendo, então, que maninhamos contacto pela 1.ª vez com um grupo hostil de Juruna. Não conheciam o homem civilizado. Quando o nosso cozinheiro Osarema e os dois índios, que haviam ficado na praia, chegaram, a surpresa dos índios foi grande, pois estranhando a cor preta e a altura, 1.93, do velho cozinheiro pediram a ele que se afastasse. Os Juruna são índios fortes, de altura mediana, usam cabelos longos e soltos, barba rala e não se depilam. Achando conveniente não demorarmos muito entre eles, no primeiro contacto, rumamos de volta para a praia distante, onde havia ficado o resto do pessoal e depois lá havíamos perdido mais de duas horas só na aproximação. Antes de partir, prometemos a eles voltar no dia seguinte bem cedo; de nosso lado queríamos também algumas informações da região. Reunimo-nos ao pessoal da praia e tocamos para pousar em uma ilha existente na barra do Manitsauá.

O dia tinha sido trabalho, mas estávamos satisfeitos. Tamacu não cabia em si de contente; encontrara, depois de muitos anos, parte de sua gente.

NOVO CONTACTO COM OS JURUNAS

Dia 30. Hoje, amanheceu com fortíssima bruma. Como havíamos prometido aos índios, descemos desta vez com motor, em cinco pessoas no pequeno batelão. Tocamos diretamente para a aldeia da praia. Esperávamos encontrar lá pelo menos parte dos índios que haviam fugido ontem de canoas, mas tal não aconteceu. Os que lá nos aguardavam informaram que eles tinham fugido para muito longe e só voltaríamos dali há uns dois dias. Sabedores que iam subir o Manitsauá, os Jurunas exclamavam apontando o curso do rio:

— Tchucarramãe! Tchucarramãe!

Não encontramos um só Juruna que não tivesse o corpo marcado com cicatrizes deixadas pelas balas e flechas de seus inimigos Tchucarramãe.

Presumimos que esses Tchucarramãe sejam os temíveis Calapós do médio e baixo Xingu, que constantemente assaltam e saqueiam os castanheiros e seringueiros daquela região.

Cada vez que falávamos em Manitsauá, os Juruna acrescentavam "Tchucarramãe" e apontavam o curso do rio. Usando, agora, Tamacu — já mais familiarizado com a língua — como intérprete, os Juruna nos informaram que há muitas castanhas no Manitsauá e que a arara vermelha é também lá muito comum. A arara vermelha é sem dúvida uma das mais belas aves que se pode encontrar no sertão, as penas da cauda atingem 60 centímetros de comprimento e tem o vermelho carregado do urucum.

Para o índio, o valor dessas penas é inestimável. Com elas fazem os mais belos colares, ou então encostam a haste da pena e fazem enormes enfeites de ornela.

Apesar do nosso contacto, que já estava se tornando longo, os Jurunas sempre que faziam um gesto, ainda se seu conhecimento recuavam assustados. Para tirar algumas fotografias tivemos que usar de muita tática.

Deixamos os Jurunas e rumamos ao nosso acampamento na barra do Manitsauá e preparamos nos para iniciar a subida desse curso.

(Conclui amanhã)